



**TEORIA  
LITERÁRIA II**

WELLINGTON STEFANIU

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

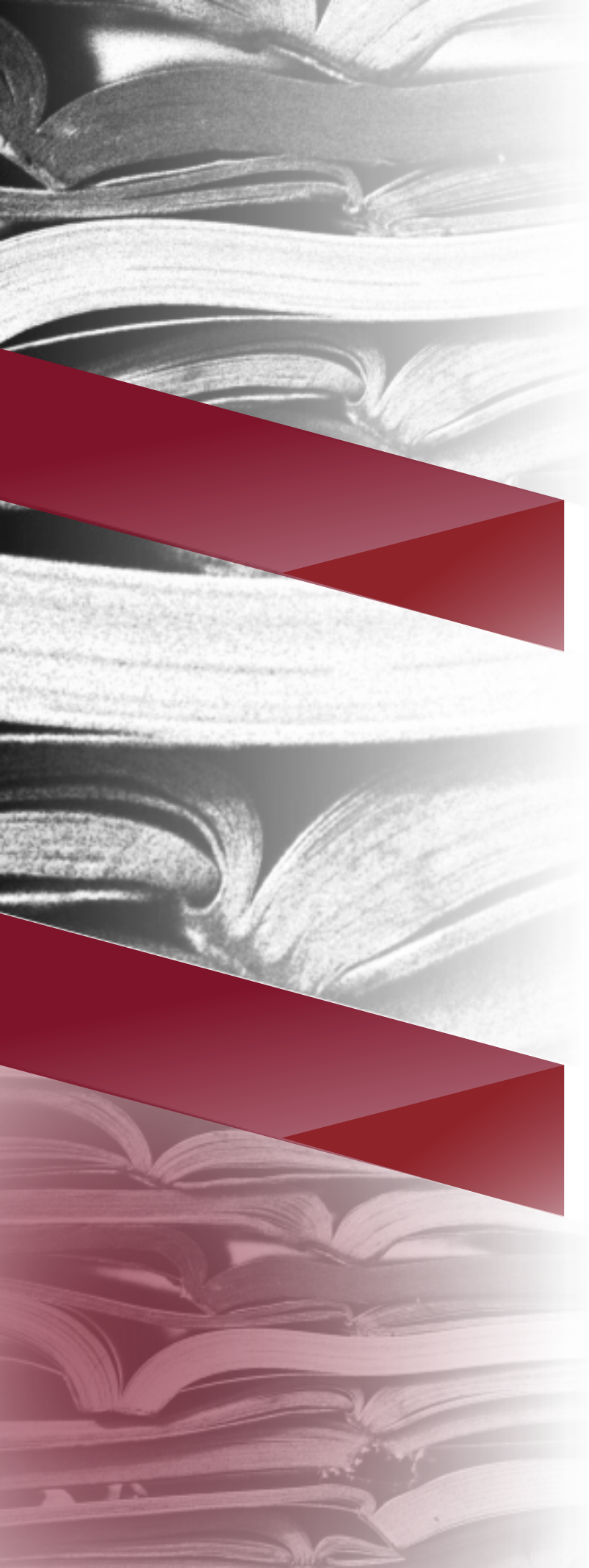
O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

# SUMÁRIO



## APRESENTAÇÃO

Prezado aluno, o presente material é elaborado como apoio ao estudo da disciplina Teoria Literária II. O objetivo dele é complementar o seu aprendizado visto, anteriormente, em Teoria Literária I. Aborda, de forma mais detalhada, algumas considerações acerca da historiografia da literatura e seus períodos, com a atenção voltada, especialmente, à Literatura Brasileira e à atividade literária no Brasil, desde os primórdios do que é entendido como um produto puramente nacional.

Este *e-book* aborda, ainda, algumas das principais correntes críticas literárias contemporâneas e a contribuição delas ao estudo da literatura, enquanto representação subjetiva de uma sociedade objetivada pelo positivismo da organização coletiva pela letra da lei.

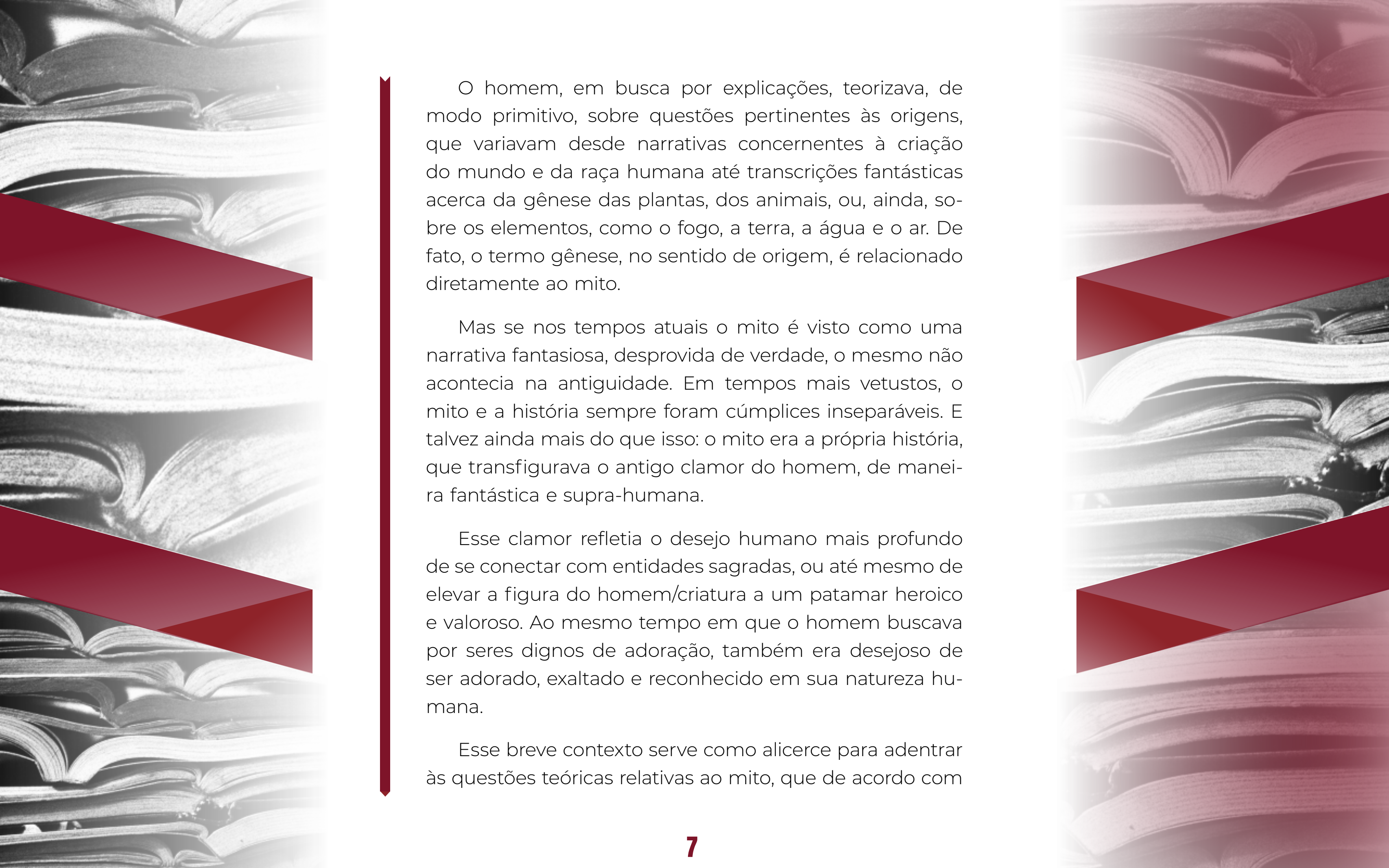
Espera-se que o material seja aproveitado da melhor forma possível para que o seu aprendizado seja elevado a cada nova lição. Eventuais dúvidas sobre qualquer máxima que permeia os textos podem ser retiradas diretamente com o professor nos horários estabelecidos nos canais interativos propiciados pela plataforma do curso. Bons estudos.

# 1. HISTORIOGRAFIA E PERIODIZAÇÃO LITERÁRIA

## 1.1 A literatura em sua gênese

O surgimento da literatura enquanto uma atividade humana está relacionada, hipoteticamente, às primeiras manifestações culturais estudadas pela Antropologia. Enquanto alguns pensadores defendem que as pinturas rupestres são o primeiro registro literário da história da humanidade, fato é que os mitos, contados de geração em geração por meio da oralidade, têm uma característica ainda mais primeva. De acordo com o mitólogo **Joseph Campbell**, as primeiras versões dos mitos, entendidos como única verdade e vividos como tal, são reconhecidos, também, como narrativas literárias.

O mito, enquanto produto social, está profundamente enraizado com o inconsciente das mais diversas sociedades. Sabe-se que na contemporaneidade o mito é entendido como um conjunto de histórias fantasiosas, produzidas no período da aurora do homem, ou do surgimento da racionalidade humana, tal como propõem Contreira, Figueiredo e Reinert em *Jornalismo e realidade* (2004, p. 16), em que a professora discute sobre a característica humana de vivenciar o real e ao mesmo tempo idealizá-lo pelo fato de se tornar um ser consciente.

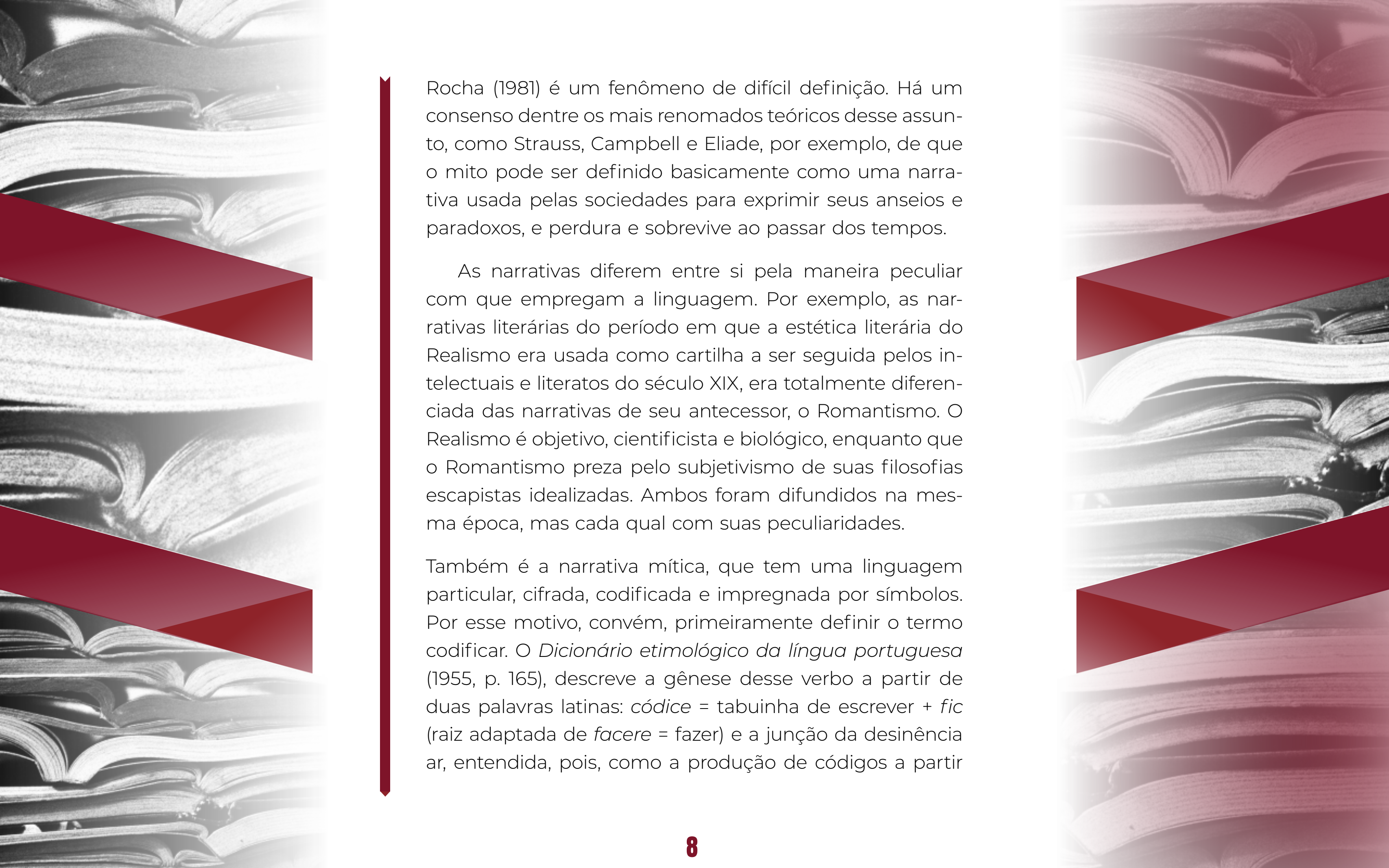


O homem, em busca por explicações, teorizava, de modo primitivo, sobre questões pertinentes às origens, que variavam desde narrativas concernentes à criação do mundo e da raça humana até transcrições fantásticas acerca da gênese das plantas, dos animais, ou, ainda, sobre os elementos, como o fogo, a terra, a água e o ar. De fato, o termo gênese, no sentido de origem, é relacionado diretamente ao mito.

Mas se nos tempos atuais o mito é visto como uma narrativa fantasiosa, desprovida de verdade, o mesmo não acontecia na antiguidade. Em tempos mais vetustos, o mito e a história sempre foram cúmplices inseparáveis. E talvez ainda mais do que isso: o mito era a própria história, que transfigurava o antigo clamor do homem, de maneira fantástica e supra-humana.

Esse clamor refletia o desejo humano mais profundo de se conectar com entidades sagradas, ou até mesmo de elevar a figura do homem/criatura a um patamar heroico e valoroso. Ao mesmo tempo em que o homem buscava por seres dignos de adoração, também era desejoso de ser adorado, exaltado e reconhecido em sua natureza humana.

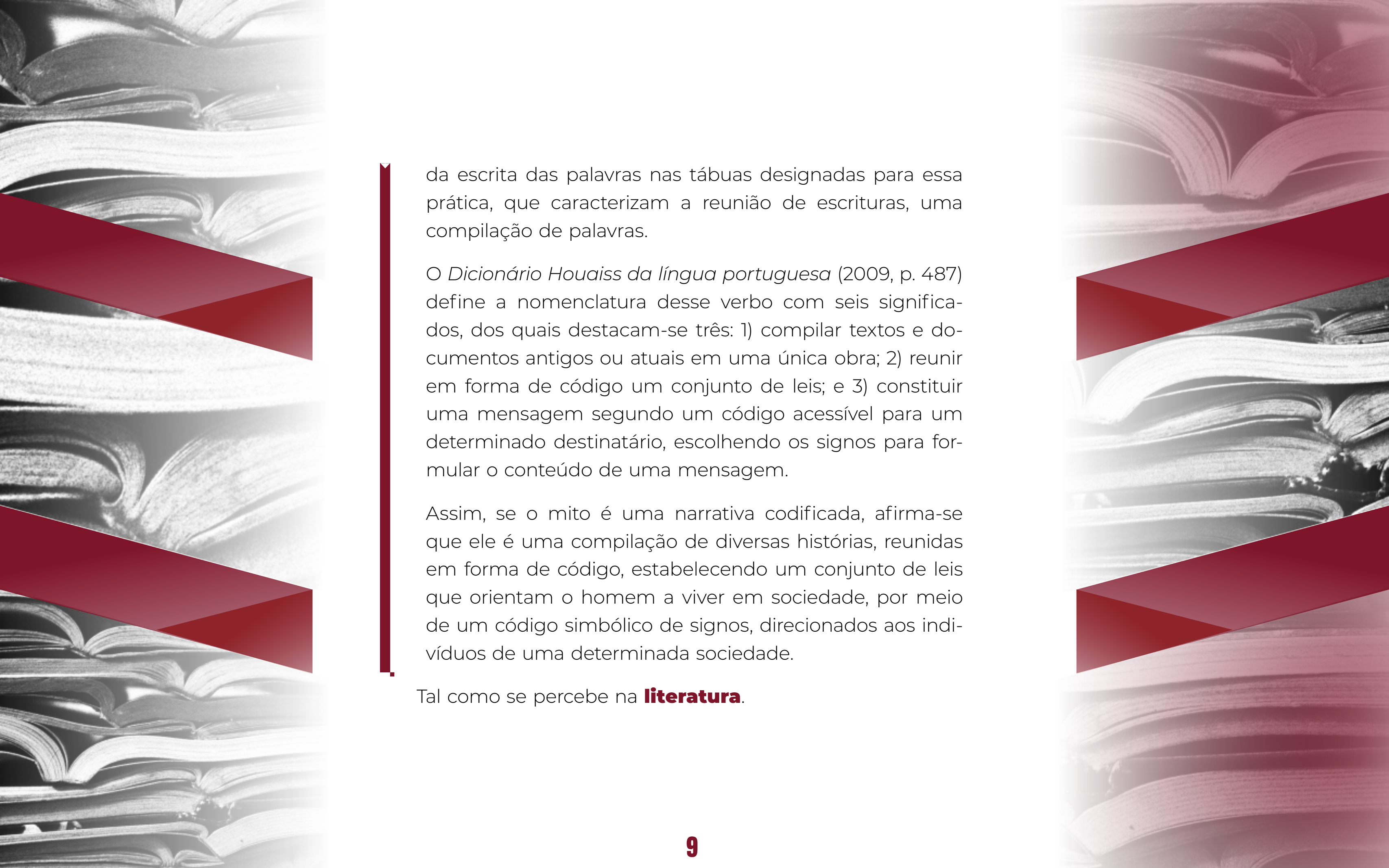
Esse breve contexto serve como alicerce para adentrar às questões teóricas relativas ao mito, que de acordo com



Rocha (1981) é um fenômeno de difícil definição. Há um consenso dentre os mais renomados teóricos desse assunto, como Strauss, Campbell e Eliade, por exemplo, de que o mito pode ser definido basicamente como uma narrativa usada pelas sociedades para exprimir seus anseios e paradoxos, e perdura e sobrevive ao passar dos tempos.

As narrativas diferem entre si pela maneira peculiar com que empregam a linguagem. Por exemplo, as narrativas literárias do período em que a estética literária do Realismo era usada como cartilha a ser seguida pelos intelectuais e literatos do século XIX, era totalmente diferenciada das narrativas de seu antecessor, o Romantismo. O Realismo é objetivo, cientificista e biológico, enquanto que o Romantismo preza pelo subjetivismo de suas filosofias escapistas idealizadas. Ambos foram difundidos na mesma época, mas cada qual com suas peculiaridades.

Também é a narrativa mítica, que tem uma linguagem particular, cifrada, codificada e impregnada por símbolos. Por esse motivo, convém, primeiramente definir o termo codificar. O *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (1955, p. 165), descreve a gênese desse verbo a partir de duas palavras latinas: *códice* = tabuinha de escrever + *fic* (raiz adaptada de *facere* = fazer) e a junção da desinência *ar*, entendida, pois, como a produção de códigos a partir



da escrita das palavras nas tábuas designadas para essa prática, que caracterizam a reunião de escrituras, uma compilação de palavras.

O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009, p. 487) define a nomenclatura desse verbo com seis significados, dos quais destacam-se três: 1) compilar textos e documentos antigos ou atuais em uma única obra; 2) reunir em forma de código um conjunto de leis; e 3) constituir uma mensagem segundo um código acessível para um determinado destinatário, escolhendo os signos para formular o conteúdo de uma mensagem.

Assim, se o mito é uma narrativa codificada, afirma-se que ele é uma compilação de diversas histórias, reunidas em forma de código, estabelecendo um conjunto de leis que orientam o homem a viver em sociedade, por meio de um código simbólico de signos, direcionados aos indivíduos de uma determinada sociedade.

Tal como se percebe na **literatura**.

## 1.2 Historiografia da Literatura Brasileira

A literatura brasileira teve, desde os primórdios, as raízes entrelaçadas não apenas com a literatura de Portugal, mas também com a cultura lusitana, o que gerou, no Brasil, um aspecto de dependência intelectual causada pelo colonialismo. No que diz respeito à literatura nacional, logo de início há um atrelamento aos pressupostos e formas europeias, tanto que no período compreendido pelo Quinhentismo, até o século XVIII, a literatura brasileira era sinônimo de literatura portuguesa, denominação esta que começa a cair por terra com a vinda do imperador Dom João VI para o Brasil, transferindo o reino para o Rio de Janeiro, trazendo consigo tesouros inestimáveis, dentre eles, a Real Biblioteca de Portugal.

Com o início do Romantismo no Brasil a literatura é vista como um produto nacional. Entretanto, muitos intelectuais, como o francês Ferdinand Denis, já enxergavam características típicas brasileiras no Arcadismo, movimento que antecedeu os ideais propostos pelos romancistas.

Em escritores árcades como Tomás Antônio Gonzaga, Claudio Manuel da Costa e Santa Rita Durão, assim como em alguns românticos como José de Alencar, Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães, percebe-se características parecidas e próprias de cada estética: ao se aproximarem, por exemplo, do ideal indianista, usando a figura do nativo americano como um perfeito representante do

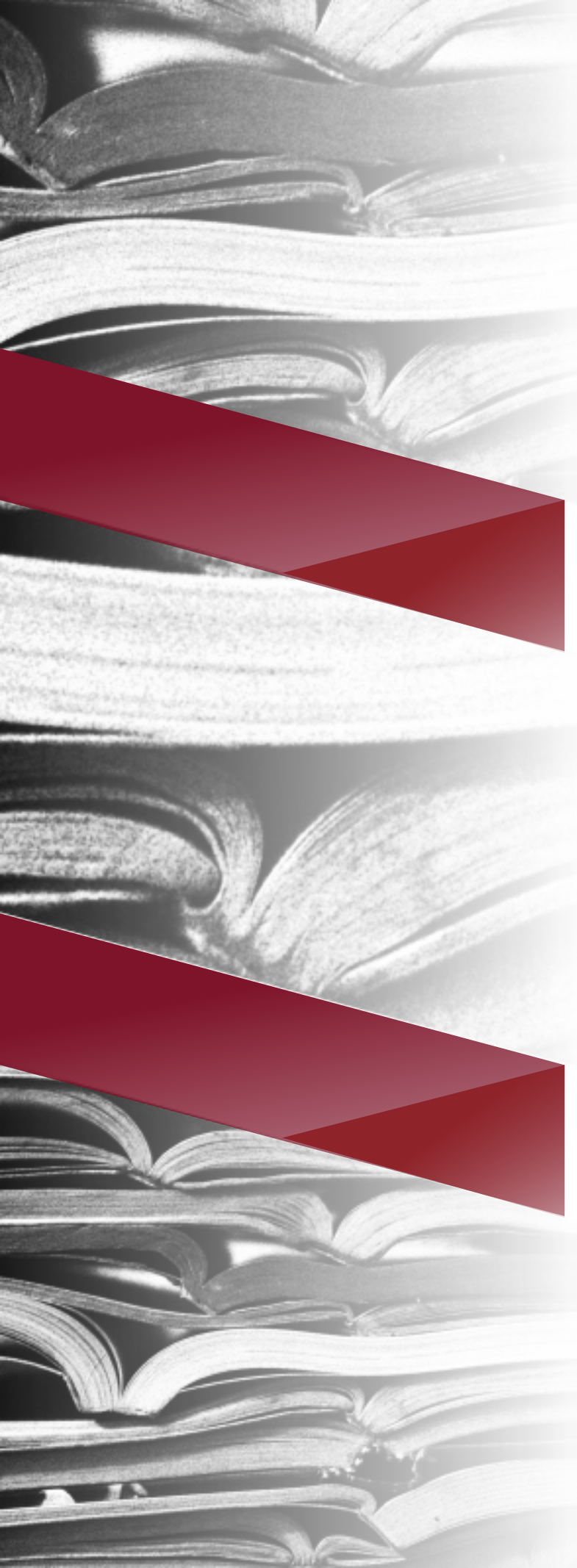
herói nacional, também se distanciam nessa mesma proposta, visto que o aborígine árcade era descrito como um herói grego, europeizado e o romântico estava mais ligado às lendas nativas brasileiras.

Considerado o precursor da crítica literária brasileira, o francês Ferdinand Denis (1798 -1890) teve ampla participação, durante o século XVIII, na construção de um cânone propriamente nacional no Brasil. Autor de uma obra que pela primeira vez retrata a literatura brasileira desanexada da literatura portuguesa, o seu *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal, suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*, publicado em 1826, em Paris, foi talvez a obra mais significativa quanto à crítica dos escritos que estavam sendo produzidos na época pelos escritores árcades, e aos modelos nacionais propostos pelo pesquisador francês, que mais tarde serviram como uma cartilha a ser seguida pelos escritores brasileiros.

### Brasil das Letras - Ferdinand Denis

Apesar de o apresentador pronunciar o nome de Denis de maneira aportuguesada, a pronúncia correta é Dení.

Denis, na procura por ícones brasileiros viu, no Indianismo e na natureza do país subterfúgios para pregar a negação dos modelos literários europeus que ainda circundavam a órbita intelectual dos literatos. Denis fundamentou suas ideias nos conceitos acerca da cor local, tal como se percebe, abaixo, nas palavras de Ricardo Leão:



Estabelecida, portanto, a rejeição das imagens e modelos clássicos, inspirados na tradição greco-latina, Denis assenta o paradigma da cor local, enfatizando os caracteres, tropos, recursos expressivos e temas que deveriam caracterizar uma literatura *verdadeiramente* americana, ou de modo mais preciso, *tipicamente* brasileira. (LEÃO, 2013, p. 132, grifos no original).

A literatura, que até então estava fadada a seguir a linha traçada pelas influências europeias, viu a possibilidade da criação de uma identidade própria, de se tornar, enfim, independente. É importante destacar que Denis já indicava que obras árcades como o *Caramuru* e *O Uruguai* eram modelos a serem seguidos pelos poetas brasileiros.

Esses lampejos nacionalistas, analisados pelo francês, fariam jus à ideologia indianista e da cor local, em termos: enquanto retratavam o indígena brasileiro como o bom selvagem, puro e sem máculas, usavam a natureza como pretexto para o *fugere urbem*, ainda com certa timidez. Essa noção de natureza como refúgio foi defendida avidamente por Denis, como evidenciado por Guilhermino Cesar:

O gosto da natureza, tão tímido, por sinal, ainda nos primeiros árcades, foi estimulado entre nós pelas palavras de Denis. Viu ele, e bem, que nos faltava um Cooper para romancear o choque cultural do branco e do negro como 'bom selvagem'. (CESAR, 1978, p. XXIII).

Quanto a esse Indianismo tão latente, defendido pelo estudioso francês, aos olhos de Denis o Brasil carecia de um representante que, de certa forma, competisse com as histórias gloriosas da Europa, inventando a própria história ilustre e gloriosa. E foi com o indígena brasileiro que o francês encontrou um substituto à altura dos mitos vindos do continente europeu, equiparando o nativo aos heróis das célebres histórias do velho continente.

O Caramuru é um exemplo de como a literatura por vezes é indissociável do mito.

### **Caramuru (1/5) - De Lá Pra Cá**

O indígena, caracterizado por sua rebeldia e valentia, devia estar à frente de um passado brasileiro ufanista, como um astuto e destemido guerreiro das assombrosas florestas brasileiras, ao contrário do negro, que por estar cativo do europeu representava o ser submisso, fraco, impotente às ações civilizatórias dos colonizadores, sendo por vezes considerado até mesmo um utensílio dessas ações.

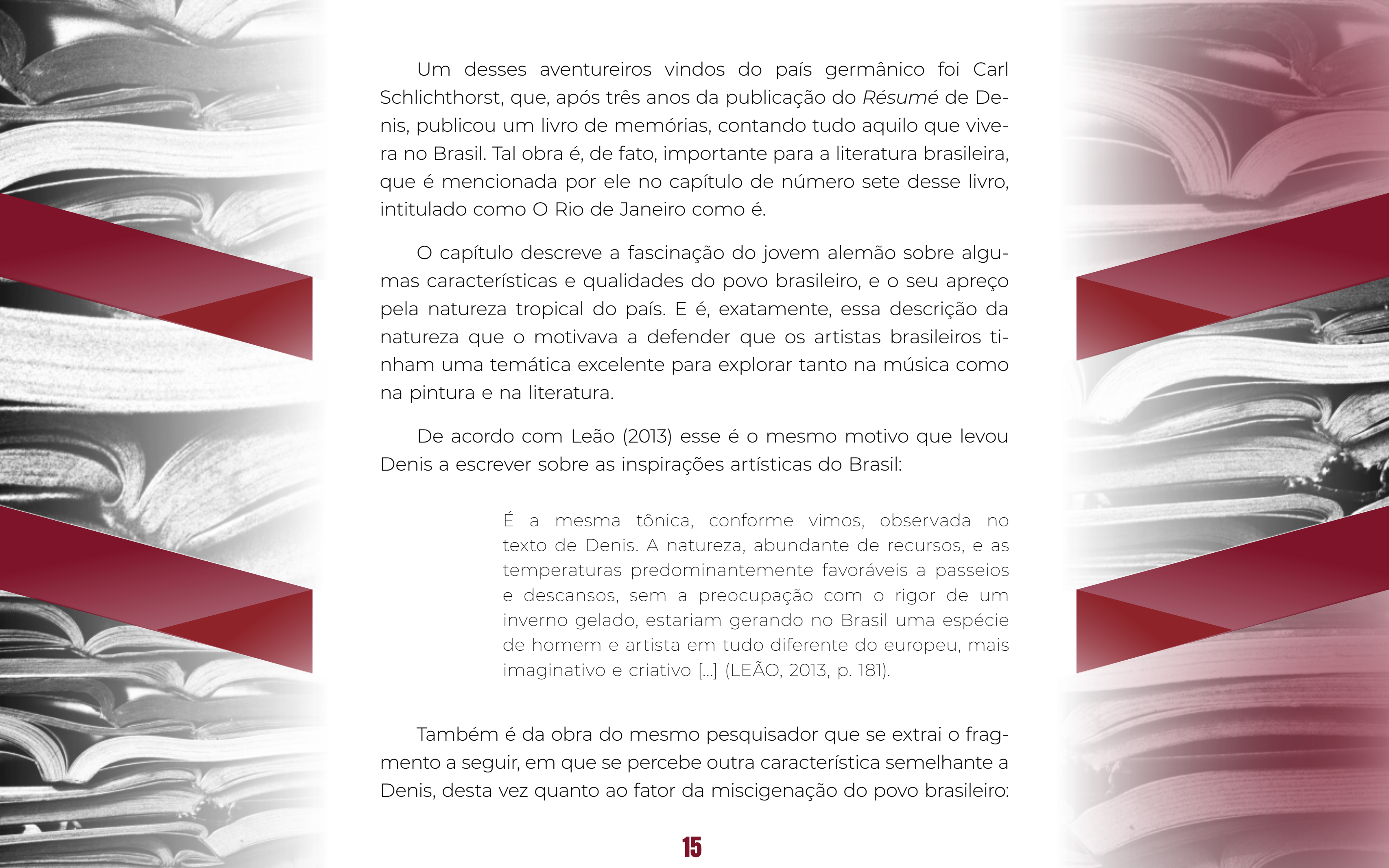
Porém, Ferdinand Denis logo deparou-se com um dilema. Seria um problema discorrer sobre os eventos colonizadores no Brasil se as temáticas estivessem centradas apenas no heroísmo do nativo brasileiro e nas maravilhas da natureza. O pesquisador solucionou tal problema afirmando que o povo brasileiro teve suas origens na mestiçagem. Isso aparece nos argumentos de Ricardo Leão:



Com efeito, apesar de associar a origem da nacionalidade ao elemento indígena, Denis afirma que o brasileiro é o produto das raças miscigenadas na América Meridional – africanos, ameríndios e europeus [...] (LEÃO, 2013, p. 138).

Denis ainda se preocupava com o fator da língua falada no Brasil ser de origem europeia, algo um tanto embaraçoso, visto suas pretensões nacionais. De resto, com o que foi exposto até aqui, vê-se a importância que Ferdinand Denis teve para a canonização da literatura brasileira. A razão de se dedicar essa breve pesquisa sobre esse estudioso francês se deve ao fato de que se conciliará as considerações, feitas por ele, com o que se pretende desenvolver neste trabalho.

Após o grande evento que, oficialmente, concretizou a independência brasileira, o então imperador Dom Pedro I sentiu que o Brasil carecia de soldados para fazerem parte do exército imperial e também de colonos para povoarem o território. Consoante Leão (2013, p. 172), tais pessoas foram convocadas pelo Imperador, na Europa e grande parte delas, principalmente aqueles que vieram da Alemanha, não passaram por critérios rígidos quanto à moralidade. A maioria deles eram jovens aventureiros, que em busca de enriquecimento instantâneo, viam no admirável mundo novo a chance para prosperar financeiramente do dia para a noite.



Um desses aventureiros vindos do país germânico foi Carl Schlichthorst, que, após três anos da publicação do *Résumé* de Denis, publicou um livro de memórias, contando tudo aquilo que vivera no Brasil. Tal obra é, de fato, importante para a literatura brasileira, que é mencionada por ele no capítulo de número sete desse livro, intitulado como O Rio de Janeiro como é.

O capítulo descreve a fascinação do jovem alemão sobre algumas características e qualidades do povo brasileiro, e o seu apreço pela natureza tropical do país. E é, exatamente, essa descrição da natureza que o motivava a defender que os artistas brasileiros tinham uma temática excelente para explorar tanto na música como na pintura e na literatura.

De acordo com Leão (2013) esse é o mesmo motivo que levou Denis a escrever sobre as inspirações artísticas do Brasil:

É a mesma tônica, conforme vimos, observada no texto de Denis. A natureza, abundante de recursos, e as temperaturas predominantemente favoráveis a passeios e descansos, sem a preocupação com o rigor de um inverno gelado, estariam gerando no Brasil uma espécie de homem e artista em tudo diferente do europeu, mais imaginativo e criativo [...] (LEÃO, 2013, p. 181).

Também é da obra do mesmo pesquisador que se extrai o fragmento a seguir, em que se percebe outra característica semelhante a Denis, desta vez quanto ao fator da miscigenação do povo brasileiro:

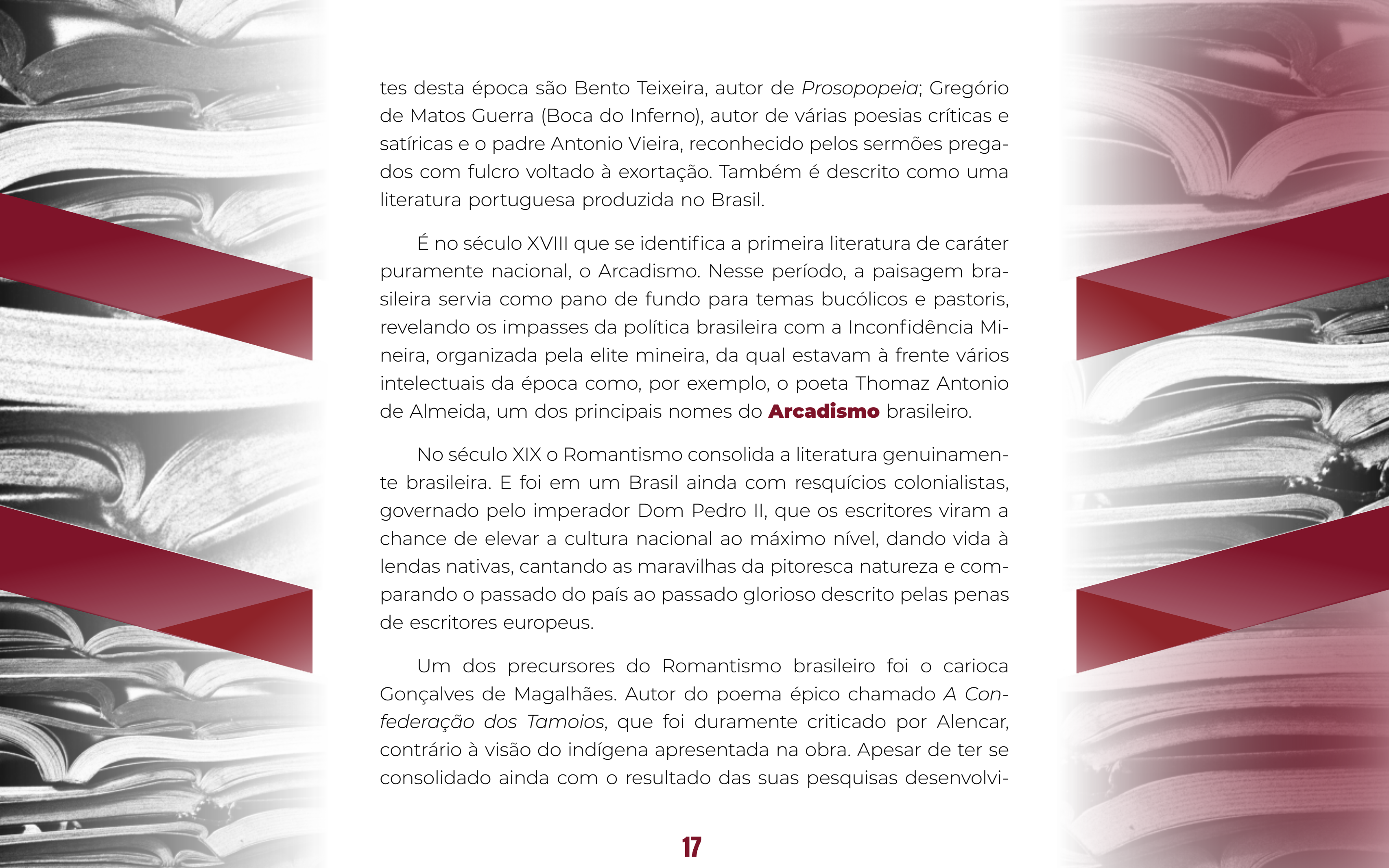
A natureza tropical, portanto, combinada ao alto grau de miscigenação entre as diversas etnias que compõem o povo brasileiro, propiciaria condições extremamente favoráveis segundo o entusiasmado tenente dos granadeiros, para o surgimento de grandes expressões artísticas e literárias, caso esses fatores fossem combinados com o processo civilizatório (LEÃO, 2013, p. 182).

Percebe-se que Schlichthorst, assim como o francês Denis, também previa que a miscigenação originasse no povo brasileiro não apenas a característica de uma única etnia, mas sim a união de três: o branco, o índio e o negro, que geraria uma safra de grandes escritores mestiços, que valorizariam as características brasileiras em suas composições literárias.

### **1.3 Os períodos literários brasileiros**

A atividade literária, no Brasil, iniciou-se em 1500, com a chegada dos portugueses. O Quinhentismo, como é conhecido, é o primeiro registro literário, por meio das cartas de informação, escritas pelos aventureiros, que relatavam aspectos da fauna e flora. Porém, esse período literário não é considerado brasileiro, mas sim português.

O segundo período é denominado de Barroco e ocorreu no século XVII. As obras são marcadas pela angústia e pela oposição entre o mundo material e o espiritual. O uso de metáforas, antíteses e hipérboles dão os trejeitos desse período. Os principais representan-

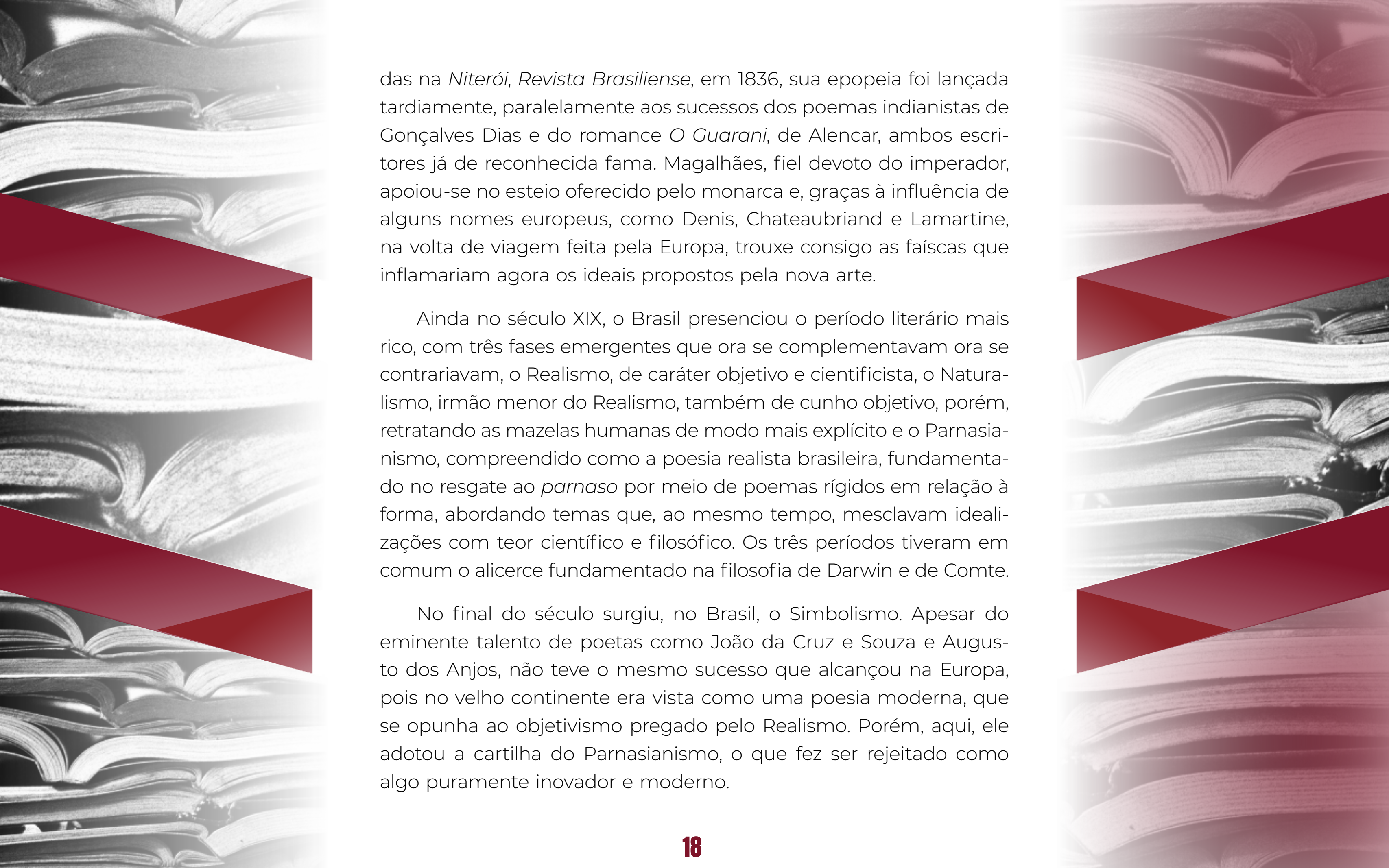


tes desta época são Bento Teixeira, autor de *Prosopopeia*; Gregório de Matos Guerra (Boca do Inferno), autor de várias poesias críticas e satíricas e o padre Antonio Vieira, reconhecido pelos sermões pregados com fulcro voltado à exortação. Também é descrito como uma literatura portuguesa produzida no Brasil.

É no século XVIII que se identifica a primeira literatura de caráter puramente nacional, o Arcadismo. Nesse período, a paisagem brasileira servia como pano de fundo para temas bucólicos e pastoris, revelando os impasses da política brasileira com a Inconfidência Mineira, organizada pela elite mineira, da qual estavam à frente vários intelectuais da época como, por exemplo, o poeta Thomaz Antonio de Almeida, um dos principais nomes do **Arcadismo** brasileiro.

No século XIX o Romantismo consolida a literatura genuinamente brasileira. E foi em um Brasil ainda com resquícios colonialistas, governado pelo imperador Dom Pedro II, que os escritores viram a chance de elevar a cultura nacional ao máximo nível, dando vida à lendas nativas, cantando as maravilhas da pitoresca natureza e comparando o passado do país ao passado glorioso descrito pelas penas de escritores europeus.

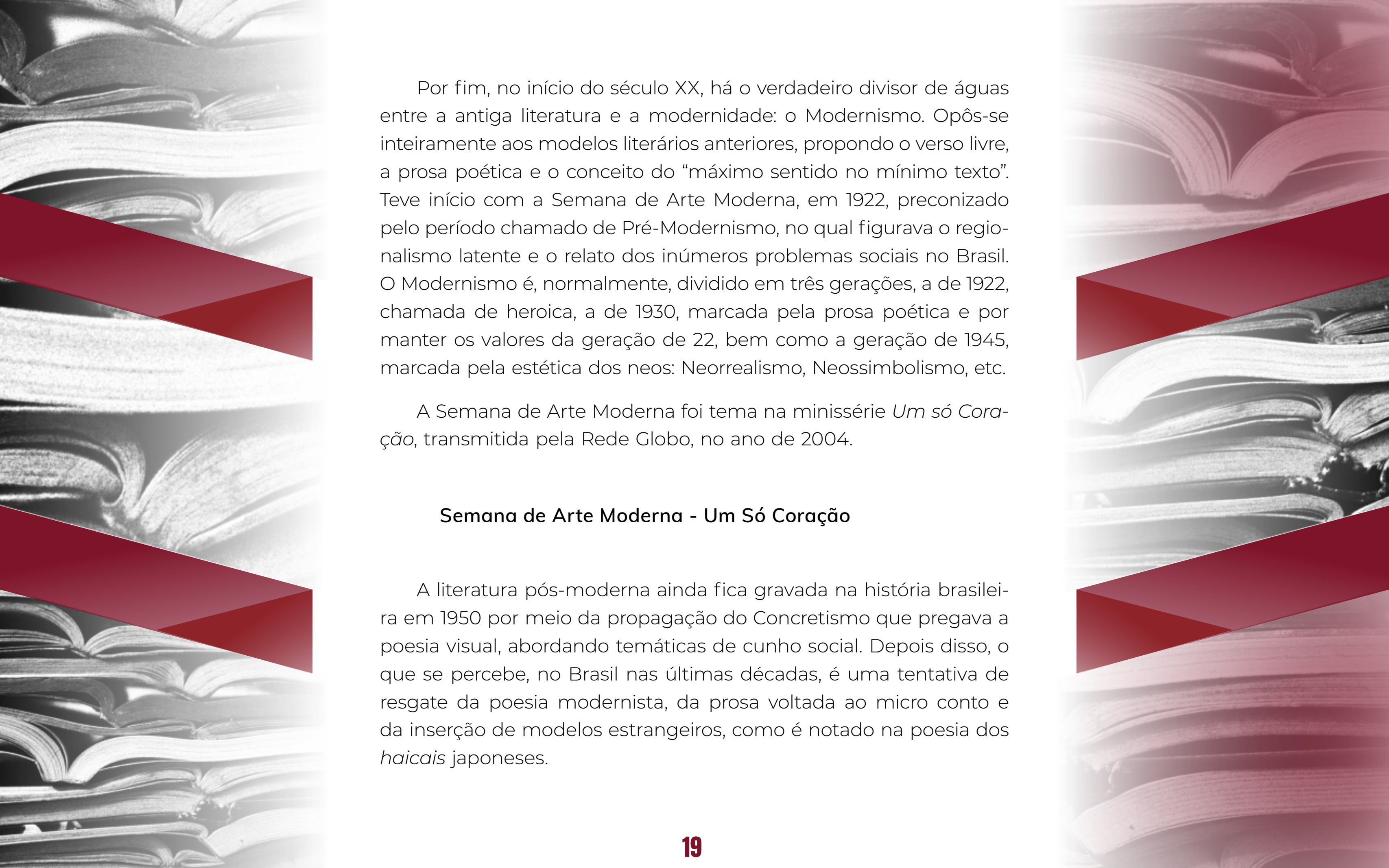
Um dos precursores do Romantismo brasileiro foi o carioca Gonçalves de Magalhães. Autor do poema épico chamado *A Confederação dos Tamoios*, que foi duramente criticado por Alencar, contrário à visão do indígena apresentada na obra. Apesar de ter se consolidado ainda com o resultado das suas pesquisas desenvolvi-



das na *Niterói, Revista Brasiliense*, em 1836, sua epopeia foi lançada tardiamente, paralelamente aos sucessos dos poemas indianistas de Gonçalves Dias e do romance *O Guarani*, de Alencar, ambos escritores já de reconhecida fama. Magalhães, fiel devoto do imperador, apoiou-se no esteio oferecido pelo monarca e, graças à influência de alguns nomes europeus, como Denis, Chateaubriand e Lamartine, na volta de viagem feita pela Europa, trouxe consigo as faíscas que inflamariam agora os ideais propostos pela nova arte.

Ainda no século XIX, o Brasil presenciou o período literário mais rico, com três fases emergentes que ora se complementavam ora se contrariavam, o Realismo, de caráter objetivo e cientificista, o Naturalismo, irmão menor do Realismo, também de cunho objetivo, porém, retratando as mazelas humanas de modo mais explícito e o Parnasianismo, compreendido como a poesia realista brasileira, fundamentado no resgate ao *parnaso* por meio de poemas rígidos em relação à forma, abordando temas que, ao mesmo tempo, mesclavam idealizações com teor científico e filosófico. Os três períodos tiveram em comum o alicerce fundamentado na filosofia de Darwin e de Comte.

No final do século surgiu, no Brasil, o Simbolismo. Apesar do eminente talento de poetas como João da Cruz e Souza e Augusto dos Anjos, não teve o mesmo sucesso que alcançou na Europa, pois no velho continente era vista como uma poesia moderna, que se opunha ao objetivismo pregado pelo Realismo. Porém, aqui, ele adotou a cartilha do Parnasianismo, o que fez ser rejeitado como algo puramente inovador e moderno.



Por fim, no início do século XX, há o verdadeiro divisor de águas entre a antiga literatura e a modernidade: o Modernismo. Opôs-se inteiramente aos modelos literários anteriores, propondo o verso livre, a prosa poética e o conceito do “máximo sentido no mínimo texto”. Teve início com a Semana de Arte Moderna, em 1922, preconizado pelo período chamado de Pré-Modernismo, no qual figurava o regionalismo latente e o relato dos inúmeros problemas sociais no Brasil. O Modernismo é, normalmente, dividido em três gerações, a de 1922, chamada de heroica, a de 1930, marcada pela prosa poética e por manter os valores da geração de 22, bem como a geração de 1945, marcada pela estética dos neos: Neorrealismo, Neossimbolismo, etc.

A Semana de Arte Moderna foi tema na minissérie *Um só Coração*, transmitida pela Rede Globo, no ano de 2004.

### **Semana de Arte Moderna - Um Só Coração**

A literatura pós-moderna ainda fica gravada na história brasileira em 1950 por meio da propagação do Concretismo que pregava a poesia visual, abordando temáticas de cunho social. Depois disso, o que se percebe, no Brasil nas últimas décadas, é uma tentativa de resgate da poesia modernista, da prosa voltada ao micro conto e da inserção de modelos estrangeiros, como é notado na poesia dos *haicais* japoneses.

## 2. CORRENTES CRÍTICAS DO SÉCULO XX

### 2.1 Formalismo Russo e o *New Criticism*

De acordo com Arnaldo Franco Jr. (2009, p. 116), entre 1914 e 1917 alguns estudantes fundaram, na Rússia, o Círculo Linguístico de Moscou e a Associação da Linguagem Poética, instituindo um campo para o desenvolvimento da língua e da literatura, sem compromisso com a tradição acadêmica que vigorava na época. Preocupados em investigar e explicar o que faz uma obra ser identificada como literária, propõem modelos sistemáticos para a análise literária, porém, nunca hesitaram em alterar qualquer pressuposto considerado antiquado ou, até mesmo, equivocado em suas teorias.

Em relação ao *New Criticism*, sua maior contribuição é a defesa do exercício da leitura e crítica de uma obra, com base no estudo minucioso de seus elementos internos, caracterizando o *close reading*. Logo, os novos críticos regem-se pelos princípios metodológicos semelhantes àqueles defendidos pelos formalistas russos, dando ênfase às técnicas sobre a materialidade linguística da obra em detrimento dos demais aspectos a ela associados, entendendo a literatura como um fenômeno autônomo, regido por regras próprias.

### 2.2 Teorias Estruturalistas

O Estruturalismo tem origem na obra de Ferdinand de Saussure, que revolucionou o estudo da linguagem no começo do século XX. Tanto que o principal pressuposto estruturalista é embasado na concepção saussuriana de que a linguagem é um sistema de signos regidos por suas próprias regras. Logo, a máxima de Propp “o

significado é o produto da diferença”, mostrou-se fundamental ao Estruturalismo, em especial ao antropológico, pela contribuição conjunta de Claude-Levi Strauss.

## 2.3 A Estilística

Para Milton Hermes Rodrigues (2009, p. 163), a abordagem estilística preza pelo uso expressivo da linguagem. Quem escolhe o caminho estilístico para uma análise literária precisa ter domínio e conhecimento pleno das particularidades próprias da língua escrita, tais como a semântica, o léxico, a sintaxe, a fonologia e a morfologia. O texto literário abriga uma variedade de fatos linguísticos, por isso, o caminho estilístico depende de fatores como a destinação (trabalho de disciplina, monografia, artigo, tese), o alcance (um poema, um romance, toda a obra de um determinado autor etc.), o tempo disponível para a pesquisa e o método usado (preocupações com a cientificidade, por exemplo).

## 2.4 Crítica Sociológica

De acordo com Marisa Corrêa Silva (2009, p. 177), a crítica sociológica é aquela que vê o fenômeno da literatura como parte de um contexto maior: uma sociedade, uma cultura. Sob o nome genérico de crítica sociológica encontram-se diversos autores e tendências. No Brasil, esses estudos foram amplamente propagados por Antonio Candido, que defende a hipótese de que um texto literário é bom porque é bem escrito, porque trabalha a linguagem de maneira criativa, porque utiliza os espaços em branco etc.

## 2.5 A Estética da Recepção

Até a chegada da Estética da Recepção, o texto era visto como um produto finalizado e fechado às interpretações. As concepções estruturalistas propunham a compreensão de sentidos apenas pelo texto, sendo o leitor um mero artífice, responsável pela simples leitura daquilo que tinha em mãos. A Estética da Recepção desconstrói esses pressupostos, ao alavancar o papel do leitor de espectador para assumir a função de personagem principal do processo, analisando a obra muito além do texto, mas respeitando aquilo que ele afirma. Logo, a interpretação está aberta para inúmeros sentidos, desde que o texto o propicie de tal maneira a não desvincular de sua propriedade imanente.

## 2.6 Materialismo Lacaniano

O Materialismo Lacaniano é uma corrente ligada à filosofia política e fundamenta-se no pilar fixado com a tríade simbólico/imaginarário/real. Consoante Žižek (2010, p. 16), Lacan defendia que todo ser falante é regido por uma constituição velada da realidade, composta pela ordem simbólica, como se todos estivessem sendo constantemente vigiados por essa entidade, nomeada grande outro, que atuaria sempre no plano simbólico, um padrão de comparação em que o homem mede-se: enquanto se fala com outras pessoas nunca se age como indivíduos que se comunicam com outras pessoas, pois o grande outro sempre estará lá, velando por aquilo que se faz.

## 2.7 Crítica Feminista

Para Lúcia Osana Zolin, a crítica feminista assume o papel de questionadora do sistema patriarcal na literatura, tomando as personagens femininas como escopo para pesquisas que visam desconstruir arquétipos sobre a fragilidade feminina e sua submissão ao gênero masculino, propagadas nas mais diversas obras literárias. Teve início em 1970 a partir da tese publicada pela estadunidense Kate Millet.

## 2.8 Crítica Psicanalítica

Apesar de ser usada enquanto uma crítica para fundamentar novos olhares da literatura, a Psicanálise é um método de conversação e análise psicológica. Pelo fulcro interpretativo, aplica-se à literatura, em especial no referente aos estudos de Sigmund Freud acerca da teoria do inconsciente individual, fundamentada na tríade *Ego x Id = Superego* e nas considerações de Jung sobre os Arquétipos do Inconsciente Coletivo, centrada em sua experiência antropológica.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. Arcádia e ilustração. *In: História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 53-87.

LEVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

CESÁR, Guilhermino. **Historiadores e críticos do Romantismo**. São Paulo: Edusp, 1978.

CONTRERA, Malena Segura; FIGUEIREDO, Rosali Rossi; REINERT, Leila. **Jornalismo e realidade: a crise de representação do real e a construção simbólica da realidade**. São Paulo: Mackenzie, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **Caminhos do pensamento crítico**. 2. v. Rio de Janeiro: Pallas, 1980.

FRANCO JR. Arnaldo. Formalismo russo e new criticism. *In: Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 115-130.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Manoel de Melo. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009

LEÃO, Ricardo (Ricardo André Ferreira Martins). Ferdinand Denis e a “invenção” da literatura brasileira: indianismo e nacionalismo. *In: LEÃO, Ricardo. Os atenienses e a invenção do cânone nacional*. 2. ed. São Luís: Instituto Geia, 2013. p. 125-15.

LEÃO, Ricardo. Schlichthorst: a literatura e os costumes nacionais. *In: LEÃO, Ricardo. Os atenienses e a invenção do cânone nacional*. 2. ed. São Luís: Instituto Geia, 2013. p. 171-186.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

RODRIGUES, Milton Hermes. Abordagem estilística. *In: Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 159-165.

SILVA, Marisa Corrêa. Materialismo lacaniano. *In: Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 212-216.

STEFANIU, Wellington. Linguagem, mito e tragédia no jornalismo. **Revista Travessias**. Vol. 10, n. 02, ed. 2016.

ŽIŽEK, Slavoj. **Como ler Lacan**. Traduzido de “How To Read Lacan”. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. Traduzido por Maria Luiza de X. de A. Borges.

ZOLIN, Lucia Osana. Crítica feminista. *In: Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009. p. 218-225.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ  
UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Claudia Maris Tullio  
Coordenador Geral Curso**

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Maria Aparecida Crissi Knuppel  
Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do Curso**

**Prof.<sup>a</sup> Ms.<sup>a</sup>. Marta Clediane Rodrigues Anciutti  
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica**

**Denise Cristina Holzer  
Apoio Pedagógico**

**Ruth Rieth Leonhardt  
Revisora**

**Murilo Holubovski  
Designer Gráfico**

**Ferbugs / Pexels  
Elementos Gráficos**

Abr/2020